

## Editorial

A função de uma teoria – ou em um sentido mais amplo – de um paradigma – é a de informar o objeto de pesquisa. É por essa razão, que sabemos que os conceitos não são reais, ou, em outras palavras, concretos, mas formas de nomear a realidade. E, é através da relação entre teorias e conceitos, que surgem as metodologias – verdadeiras peneiras – que utilizamos para as nossas pesquisas e reflexões científicas.

No entanto, o mundo que abordamos com nossas teorias e conceitos não é um objeto estático, mas dinâmico e caracterizado por avanços e permanências. É por isso que a Ciência está sempre – ou deveria estar – em transformação. Afinal, fazer Ciência é um processo de construção e não um processo construído. A melhor evidência dessa afirmação é que, muitas vezes, consensos cristalizados são desfeitos apenas com uma mudança paradigmática, ou seja, pela inserção de novas variáveis e por novos ângulos de abordagem ou metodologias.

Foi em um destes contextos de mudança paradigmática que a Agroecologia surgiu como Ciência. Era um momento de acalorados debates acadêmicos, reconstruções epistemológicas e de demandas sociais reprimidas que exigiam sua inserção na arena das discussões pertinentes para as sociedades e para o mundo em geral.

Afinal, seria possível produzir alimentos de maneira sustentável? Haveria soberania alimentar sem agrotóxicos ou monoculturas? Os pequenos agricultores e as comunidades tradicionais estariam realmente fadados a serem engolidos pela *tsunami* da revolução verde? Seriam eles apenas resíduos refratários à lógica produtiva do agronegócio? Quais as potencialidades dos métodos “alternativos” de produção? Quais os efeitos nos ecossistemas de monocultivos? Quais os efeitos sociais dos monocultivos?

Ao quebrarem os consensos acerca destas questões e se inserirem nos debates acadêmicos e científicos, os cientistas agroecológicos e os movimentos sociais, abriram um grande debate. Um debate que não foi fácil: Muitas vezes as contra-argumentações baseavam-se em petições de princípio (“Os agrotóxicos são necessários, portanto, sem eles é impossível produzir alimentos”). Pesquisas foram desconsideradas por estarem “mensurando o imensurável” (“Não há metodologias confiáveis para analisarmos sistemas complexos”). Resultados foram questionados por contradizerem teorias cristalizadas (“O aquecimento global não possui variável antropogênica/ O pequeno agricultor é uma variável dispensável para qualquer análise do setor agrícola”) e pesquisas com comunidades tradicionais consideradas apenas um gênero de literatura ou curiosidade acadêmica. (“Por que alguém perde tempo com isso?/ Qual a função social deste grupo?”)

Mas todos os cientistas sérios sabiam que o maior problema em uma mudança paradigmática era essa incerteza, essa aparente intransparência teórica que pode

## Editorial

afligir a muitos. Pois, no final das contas, o “mundo estar de cabeça para baixo” era só uma sensação de mal-estar acadêmico. Na verdade, sabíamos que o que estava de cabeça para baixo eram as tradicionais teorias e conceitos que não eram capazes de explicar o mundo onde vivemos.

O verdadeiro cientista sabe que fazer Ciência não é apenas sentar na frente de um monitor, sentar em um laboratório, escrever, refletir e pensar. Fazer Ciência é uma atividade criativa e incômoda, que significa sempre questionar seus próprios resultados e certezas. Fazer Ciência é ter responsabilidade – no melhor sentido weberiano – e saber que um conceito ou uma teoria não são apenas palavras em um monitor ou em um papel, mas instrumentos de inclusão e/ou exclusão social.

Quando um cientista afirma que tal coisa é boa ou ruim, ou que tal coisa é importante ou desconsiderável, ele está contribuindo para a metanarrativa que surge de nossas realidades político-sociais. Sabemos que a Ciência não é neutra, mas sabemos, contudo, que ela pode ser objetiva.

Certamente a Agroecologia já superou sua fase de infância. Os grupos de pesquisa no mundo inteiro, as mudanças curriculares nos centros acadêmicos, os novos cursos, os vários eventos e revistas como a nossa, mostram que não necessitamos mais nos justificarmos como Ciência. Nós estamos produzindo Ciência com toda objetividade, responsabilidade, debates e incertezas que caracterizam a verdadeira construção – permanente - do conhecimento científico.

Nosso presente volume têm mais de 30 artigos (serão adicionados aos poucos por questões puramente tecnológicas). Completamos 4 anos neste ano. Temos mais de 20 editores temáticos, e estamos no Qualis. O que nos falta são indexadores, o que significa entrar no seletivo grupo das revistas consideradas “sérias e científicas”. Para tanto, precisamos trabalhar mais e melhor. No entanto, essa falta de indexação não desmerece nossa produção científica. Talvez, seja apenas a evidência de que “o mundo mudou” e que precisamos manter nossos debates e nossos espaços. E, faremos isso, para que o mundo seja melhor explicado e para que possamos inserir em nossos debates os famosos “excluídos” , e, finalmente, para que, finalmente, nosso mundo mude.

Boa leitura para todos

Os Editores